

# MONTAIGNE

## ENSAIOS

VOLUME III

Traduzido do francês por HUGO BARROS

Prefácio de MAURICE MERLEAU-PONTY

# Índice

|   |    |
|---|----|
| <i>Prefácio</i> – Leitura de Montaigne. . . . . | ix |
|---|----|

## LIVRO III

|  |     |
|--|-----|
| Capítulo I – Do útil e do honrado . . . . .            | 29  |
| Capítulo II – Do arrependimento . . . . .              | 47  |
| Capítulo III – Dos três comércios . . . . .            | 63  |
| Capítulo IV – Da diversão . . . . .                    | 77  |
| Capítulo V – Sobre alguns versos de Virgílio . . . . . | 91  |
| Capítulo VI – Das carruagens. . . . .                  | 165 |
| Capítulo VII – Da desvantagem da grandeza. . . . .     | 187 |
| Capítulo VIII – Da arte da discussão. . . . .          | 193 |
| Capítulo IX – Da vaidade. . . . .                      | 219 |
| Capítulo X – Da regulação da própria vontade . . . . . | 291 |
| Capítulo XI – Dos coxos . . . . .                      | 319 |
| Capítulo XII – Da fisionomia . . . . .                 | 333 |
| Capítulo XIII – Da experiência . . . . .               | 367 |

## Capítulo VIII

# Da arte da discussão

É um costume da nossa justiça condenar alguns para advertência de outros. Condená-los porque falharam, seria estupidez, como diz Platão. Pois o que está feito, não se pode desfazer. Mas são condenados para que não cometam novamente a mesma falha ou para que se evite o exemplo do seu erro.

Não se corrige o homem que se enforca, corrige-se os outros por meio dele. Faça o mesmo. Os meus erros são agora naturais e incorrigíveis; no entanto, o bem com que homens honestos brindam o público ao serem imitados, eu talvez o brindarei ao ser evitado:

*Nonne vides Albi ut male vivat filius, utque  
Barrus inops? Magnum documentum, ne patriam rem  
Perdere quis velit.*

[Não vês como vive mal o filho de Álbio? E como Baio não tem recursos? Uma grande lição: para que ninguém queira desbaratar o seu património<sup>(319)</sup>.]

Ao publicar e acusar as minhas imperfeições, alguém aprenderá a temê-las. As partes que mais estimo em mim ganham mais honra ao acusar-me do que ao recomendar-me. Eis porque a elas retorno e nelas me detenho mais frequentemente. Mas, no fim de contas, nunca

---

<sup>(319)</sup> Horácio, *Sátiras*, in *Poesia Completa*, tradução de Frederico Lourenço (Lisboa: Quetzal, 2023), I.4, vv. 109-111.

se fala de si próprio sem perda. As condenações que se faz a si mesmo são sempre aumentadas, os louvores desacreditados.

Pode haver talvez alguns com o meu temperamento, eu, que me instruo melhor por oposição do que pelo exemplo, pelo evitamento do que pelo seguimento. A esta espécie de disciplina se referia o velho Catão, quando dizia que os sábios têm mais a aprender com os tolos do que os tolos com os sábios; e aquele antigo tocador de lira, que Pausânias relata ter obrigado os seus discípulos a ouvir um mau músico, que morava em frente, para que aprendessem a odiar a sua desafinação e falhas de tempo.

O horror da crueldade impele-me mais profundamente para a clemência do que qualquer defensor da clemência poderia atrair-me. Um bom cavaleiro não corrige tanto a minha postura como o faz um advogado ou um veneziano a cavalo; e um mau modo de falar reforma melhor o meu do que o bom. Todos os dias, o comportamento tolo de outro adverte-me e aconselha-me. O que incomoda toca e desperta melhor do que o que agrada. Estes tempos são próprios para nos aprimorarmos apenas às arrecuas, por desconformidade mais do que por acordo, por diferença mais do que por semelhança. Sendo pouco ensinado pelos bons exemplos, sirvo-me dos maus, cujas lições são comuns. Esforcei-me para me tornar tão agradável quanto via gente desagradável, tão firme quanto via moleza, tão suave quanto via rudeza. Mas propus-me medidas inalcançáveis.

O mais frutífero e natural exercício do nosso espírito é, a meu ver, a discussão. Encontro o seu uso mais doce do que qualquer outra acção da nossa vida; e é a razão pela qual, se fosse agora forçado a escolher, consentiria antes, creio eu, em perder a visão do que a audição ou a fala. Os Atenienses, e ainda os Romanos, honravam muitíssimo este exercício nas suas academias. No nosso tempo, os Italianos retêm alguns vestígios dele, para seu grande proveito, como se vê pela comparação das nossas inteligências com as deles.

O estudo dos livros é uma actividade lânguida e que não estimula, ao passo que a discussão ensina e exercita de uma só vez. Se discuto com uma alma forte e um duro justador, ele pressiona os meus flancos, pica-me à esquerda e à direita; as suas ideias estimulam as minhas; a inveja, a glória, a contenda impulsionam-me e elevam-me acima de mim mesmo. E a unanimidade é uma qualidade totalmente entediante na discussão.

Como o nosso espírito se fortalece pela comunicação dos espíritos vigorosos e bem regulados, não se pode dizer o quanto perde e se degenera pelo contínuo comércio e frequente trato que temos com espíritos baixos e doentios. Não há contágio que se espalhe como esse. Sei por experiência suficiente quanto isso vale. Gosto de debater e discursar, mas é com poucos homens e para meu próprio proveito, pois servir de espectáculo aos grandes e fazer alarde de engenho e palavreado, acho que é um ofício muito indecoroso para um homem honrado.

A estupidez é uma má qualidade; mas não poder suportá-la, irritar-se e consumir-se com ela, como me acontece, é outro tipo de doença pouco menos incômoda do que a estupidez, e é isso que agora quero acusar em mim.

Entro em discussões e disputas com grande liberdade e facilidade, visto que a opinião encontra em mim um terreno pouco propício para penetrar e lançar profundas raízes. Nenhuma afirmação me surpreende, nenhuma crença me ofende, por mais que contrarie a minha. Não há fantasia tão frívola e extravagante que não me pareça adequada à produção do espírito humano. Nós, que privamos o nosso juízo do direito de proferir sentenças, olhamos para as opiniões diversas com indiferença, e, se não lhes emprestamos o nosso juízo, emprestamos facilmente a orelha. Quando um prato está completamente vazio na balança, deixo o outro oscilar sob o peso dos sonhos de uma velha. E parece-me que posso ser desculpado se aceito antes o número ímpar; a quinta-feira em vez da sexta; se prefiro ser o décimo segundo ou o décimo quarto em vez do décimo terceiro à mesa; se prefiro, quando viajo, ver uma lebre a correr ao longo do caminho do que atravessando-o, e se calço primeiro o pé esquerdo que o direito. Todos estes devaneios, que têm crédito à nossa volta, merecem ao menos que se lhes dê ouvidos. Para mim, só pesam mais do que a inanidade, mas ainda assim pensam mais do que ela. De igual modo, as opiniões vulgares e casuais pesam mais do que nada, pois elas existem. E quem não se deixa ir tão longe, cai, talvez, no vício da obstinação para evitar o da superstição.

As contradições dos juízos, portanto, não me ofendem nem me alteram; apenas me despertam e exercitam. Fugimos da correcção, quando deveríamos prestar-nos a ela e enfrentá-la, especialmente

quando nos chega sob a forma de discussão e não como lição magistral. Em cada oposição, não se olha se é justa, mas, certa ou errada, como nos livraremos dela. Em vez de estender os braços, estendemos as garras.

Eu suportaria que os meus amigos me repreendessem duramente: «Tu és um tolo, estás a sonhar.» Gosto que, entre homens galantes, as pessoas se expressem corajosamente, que as palavras vão onde vai o pensamento. Devemos fortalecer e endurecer a audição contra a delicadeza do som cerimonioso das palavras. Aprecio uma sociedade e familiaridade forte e viril, uma amizade que se orgulha na aspereza e vigor do seu comércio, como o amor nas mordidas e arranhões sangrentos. Ela não é suficientemente vigorosa e generosa se não for contenciosa, se for civilizada e artística, se teme o embate e tem seus passos constrangidos. «*Neque enim disputari sine reprehensione potest*» [Não se pode discutir sem contestar<sup>(320)</sup>.]

Quando me contradizem, despertam a minha atenção, não a minha ira; avanço em direcção àquele que me contradiz, que me instrui. A causa da verdade deveria ser a causa comum a ambos. O que irá ele responder? A paixão da ira já feriu o seu juízo. A confusão apoderou-se dele antes da razão. Seria útil que se recorresse a uma aposta quanto à decisão das nossas disputas, que houvesse um sinal material das nossas perdas, para que delas tivéssemos um registo e que o meu criado pudesse dizer-me: «Custou-lhe, no ano passado, vinte vezes cem écus ter sido ignorante e obstinado.»

Festejo e acaricio a verdade em qualquer mão que a encontre, e a ela me rendo alegremente, estendendo-lhe as minhas armas vencidas, desde que a veja aproximar-se. E, contanto que não se proceda com uma expressão demasiado imperiosa e magistral, empresto o ombro às repreensões que se faz acerca dos meus escritos; e muitas vezes os mudei mais por razão de civilidade do que por razão de emenda; gostando de gratificar e nutrir a liberdade de me advertir pela facilidade de ceder; sim, mesmo à minha custa. Contudo, é certamente difícil atrair os homens do meu tempo; não têm a coragem de corrigir, porque não têm a coragem de sofrer ser corrigidos, e falam sempre com dissimulação na presença uns dos outros. Tenho tanto prazer

<sup>(320)</sup> Cícero, *As Últimas Fronteiras do Bem e do Mal*, op. cit., Livro I, VIII, 28.

em ser julgado e conhecido, que me é quase indiferente em qual das duas formas o fazem. A minha imaginação contradiz-se a si mesma e condena-se tão frequentemente, que é-me igual que outro o faça: visto principalmente que não dou à sua repreensão mais autoridade do que quero. Mas zango-me com aquele que se mostra demasiado altivo, como alguém que conheço que se arrepende do seu conselho, se não é aceite, e toma por injúria que não seja seguido.

Quanto ao facto de Sócrates acolher sempre sorridente as contradições que se faziam ao seu discurso, poder-se-ia dizer que a causa para isso residia na sua força, e que, dado a vantagem cair certamente para o seu lado, ele aceitava-as como matéria de nova glória. Mas vemos, pelo contrário, que não há nada que nos torne tão sensíveis [às contradições] quanto a ideia da nossa superioridade e o desdém do adversário; e que, de acordo com a razão, é ao mais fraco que convém aceitar de bom grado as oposições que o corrigem e reformam.

Com efeito, busco mais a companhia daqueles que me censuram do que daqueles que me temem. É um prazer insípido e prejudicial lidar com pessoas que nos admiram e dão passagem. Antístenes ordenou aos seus filhos que nunca agradecessem a um homem que os louvasse. Sinto-me muito mais orgulhoso da vitória que obtenho sobre mim mesmo quando, no próprio ardor do combate, me faço dobrar sob a força da razão do meu adversário do que da vitória que obtenho sobre ele pela sua fraqueza.

Enfim, recebo e admito todo o tipo de objecções que são directas, por mais fracas que sejam, mas sou demasiado impaciente com aquelas que são feitas sem observância das regras. Pouco me importa a matéria, e são-me indiferentes as opiniões, e a vitória no assunto é quase irrelevante. Passarei todo um dia a discutir pacificamente se a condução do debate seguir com ordem. Não é tanto a força e a subtileza que peço, mas sim a ordem – a ordem que se vê todos os dias nas alterações dos pastores e dos meninos de loja, mas nunca entre nós. Se eles se desencaminham, é por incivilidade; nós fazemos o mesmo. Mas o seu tumulto e impaciência não os desviam do seu tema: o seu argumento segue o seu curso. Se falam um antes do outro, se não esperam, pelo menos entendem-se uns aos outros. Para mim, uma resposta é sempre mais que boa se for direita ao assunto. Mas quando a disputa é confusa e desordenada, abandono-a e agarro-me à

forma com despeito e indiscrição, e lanço-me a um modo de debater teimoso, malicioso e imperioso, pelo qual me envergonho depois. É impossível lidar de boa-fé com um tolo.

Não é apenas o meu juízo que se corrompe nas mãos de um mestre tão impetuoso, mas também a minha consciência. As nossas disputas deviam ser proibidas e punidas como outros crimes verbais. Que vícios não despertam e acumulam, sempre regidas e comandadas pela ira! Entramos em inimizade, primeiro contra as razões, e depois contra os homens. Aprendemos a discutir apenas para contradizer; e, cada um contradizendo e sendo contradito, resulta que o fruto do discutir é perder e aniquilar a verdade. Assim, Platão, na sua *República*, proíbe este exercício aos espíritos ineptos e malnascidos.

A que propósito te pões a caminho para buscar o que é, com alguém que não tem passo nem andamento que valha? Não se faz injustiça ao assunto quando o abandonamos para ver o meio de tratá-lo; não digo meio escolástico e artificial, digo meio natural, de um sã entendimento. O que sucederá no final? Um vai para o Oriente, outro para o Ocidente; perdem o principal e dispersam-no na multidão de questões acessórias. Ao fim de uma hora de tempestade, não sabem o que procuram: um está em baixo, outro em cima, outro ao lado. Um apega-se a uma palavra ou a uma semelhança; outro já não percebe o que lhe objectam, tão empenhado que está na sua corrida; e pensa em seguir-se a si próprio, não a ti. Um, sentindo-se fraco de argumentos, teme tudo, recusa tudo, mistura e confunde o assunto desde o início, ou, no auge do debate, rebela-se calando-se por completo, com um despeito afectado, ostentando um orgulho desdenhoso ou uma fuga da contenda tola e falsamente modesta; outro, desde que ataque, pouco lhe importa quão exposto fica. Outro conta as suas palavras, e pesa-as como se fossem razões. Aquele usa apenas a vantagem da sua voz e dos seus pulmões. Há quem conclua contra si mesmo; e este ensurdece-nos com preâmbulos e digressões inúteis. Outro arma-se de puros insultos e procura uma querela despropositada para se livrar da companhia e da conversa de um espírito que pressiona o seu. Este último não vê nada na razão, mas mantém-te cercado na dialéctica das suas cláusulas e nas fórmulas da sua arte.

Pois bem, quem não começará a desconfiar das ciências, e não fica em dúvida se delas poderá extrair algum fruto sólido para a

necessidade da vida, ao considerar o uso que delas fazemos: «*nihil sanantibus litteris*»<sup>(321)</sup> [umas letras que nada curam]? Quem ganhou entendimento com a lógica? Onde estão as suas belas promessas?

*Nec ad melius vivendum nec ad commodius  
disserendum.*

[não encontra {Epicuro} nela nada que torne melhor a nossa vida ou mais fácil a nossa capacidade de argumentação<sup>(322)</sup>.]

Vê-se mais confusão no tagarelar das peixeiras do que nas disputas públicas dos homens desta profissão? Preferiria que o meu filho aprendesse a falar nas tabernas do que nas escolas de oratória. Tenha um mestre nas artes, converse com ele: porque não nos faz sentir essa excelência devida à sua arte, e não encanta as mulheres e os ignorantes, como nós somos, com a admiração da firmeza das suas razões, da beleza da sua ordem? Porque não nos domina e persuade como quer? Um homem tão superior em matéria e método, porque mistura na sua esgrima os insultos, a indiscrição e a raiva? Que tire o seu capelo, a sua túnica e o seu latim; que não nos atormente os ouvidos com Aristóteles puro e cru, e verás que parece um de nós, ou pior. Parece-me, nessa implicação e entrelaçamento de linguagem com que nos pressionam, que é como os prestidigitadores: a sua destreza combate e força os nossos sentidos, mas não abala de modo algum a nossa crença; fora dessa agitação, não fazem nada que não seja comum e vulgar. Por serem mais doutos, não são menos ineptos.

Amo e honro o saber tanto quanto aqueles que o possuem; e, no seu verdadeiro uso, é a mais nobre e poderosa aquisição dos homens. Mas naqueles (e há inúmeros dessa espécie) que baseiam nele a sua suficiência e valor fundamentais, que se apoiam no seu entendimento e na sua memória, «*sub aliena umbra latentes*»<sup>(323)</sup> [escondendo-se sob a sombra alheia], e que não podem nada senão através dos livros, odeio-o, se me atrevo a dizer, um pouco mais do que a estupidez.

<sup>(321)</sup> Séneca, *Cartas a Lucílio*, LIX.

<sup>(322)</sup> Cícero, *As Últimas Fronteiras do Bem e do Mal*, *op. cit.*, Livro I, XIX, 63.

<sup>(323)</sup> Séneca, *Cartas a Lucílio*, XXXIII.

No meu país e no meu tempo, a ciência melhorou bastante as bolsas, raramente as almas. Se as encontra rombas, agrava-as e sufoca-as, como massa crua e indigesta; se delicadas, acaba por purificá-las, clareá-las e torná-las subtis até à exaustão. É algo de uma qualidade quase indiferente: muito útil como acessório a uma alma bem-nascida, pernicioso a outra alma e prejudicial; ou, antes, algo de uso muito precioso, que não se deixa possuir por baixo custo; em algumas mãos, é um ceptro, noutras, um cajado. Mas prossigamos.

Que maior vitória esperas do que ensinar ao teu inimigo que não pode combater contigo? Quando obténs a vantagem para a tua tese, é a verdade que ganha; quando ganhas a vantagem da ordem e do método, és tu que ganhas. Parece-me que, em Platão e Xenofonte, Sócrates discute mais em favor dos debatedores do que em favor do debate, e para instruir Eutidemo e Protágoras sobre o conhecimento da sua impertinência, mais do que sobre a impertinência da sua arte. Ele aborda o primeiro assunto como alguém que tem um fim mais útil do que o de esclarecer, ou seja, esclarecer os espíritos que ele toma para manejar e exercitar.

A agitação e a caça são propriamente o nosso jogo: não temos desculpa por conduzi-lo mal e estupidamente; falhar a captura é outra coisa, pois nascemos para buscar a verdade: possuí-la pertence a um poder maior. Ela não está, como dizia Demócrito, escondida no fundo dos abismos, mas sim elevada a uma altura infinita no conhecimento divino. O mundo não passa de uma escola de questionamento. Não importa quem alcança a meta, mas quem faz as mais belas corridas. Tanto pode ser tolo aquele que diz a verdade como o que diz a falsidade, pois trata-se do modo [como se diz], não do que se diz. O meu humor é de olhar tanto para a forma quanto para a substância, tanto para o advogado quanto para a causa, como Alcibíades ordenava que se fizesse.

E todos os dias me divirto a ler autores, sem me preocupar com a sua ciência, procurando a sua maneira, não o seu assunto. Assim como procuro a companhia de algum espírito famoso, não para que me ensine, mas para que eu o conheça.

Qualquer homem pode dizer a verdade; mas dizer ordenadamente, prudentemente e com competência, poucos homens o podem. Assim, não é a falsidade que vem da ignorância que me ofende, é a inépcia.

Rompi vários negócios que me teriam sido úteis por conta da impertinência na contenda daqueles com quem negociava. Não me irrita sequer uma vez por ano com os erros daqueles sobre os quais tenho poder; mas no que toca à estupidez e obstinação das suas alegações, desculpas e defesas grosseiras e brutais, estamos todos os dias a pegar-nos pela garganta. Eles não entendem nem o que se diz nem porquê, e respondem da mesma maneira: é desesperante. Não sinto a minha cabeça ferir-se duramente senão com outra cabeça, e acomodo-me mais facilmente ao vício dos meus criados do que à sua temeridade, importunação e estupidez. Que façam menos, contanto que sejam capazes de fazer. Vive-se na esperança de avivar a sua vontade; mas de um tronco não há nem o que esperar nem o que desfrutar que valha a pena.

Ora, e se eu tomo as coisas de maneira diferente do que são? Pode ser. E é por isso que acuso a minha impaciência, e afirmo primeiramente que ela é igualmente viciosa tanto naquele que tem razão quanto naquele que está errado, pois é sempre de um mau humor tirânico não poder suportar uma forma diversa de pensar da sua; e depois, não há, de facto, maior e mais constante estupidez, nem mais heteróclita, do que agitar-se e irritar-se com as tolices do mundo. Pois ela irrita-nos sobretudo contra nós mesmos. E a esse filósofo do passado<sup>(324)</sup> nunca teria faltado motivo para as suas lágrimas, enquanto se considerasse a si mesmo. Míson, um dos sete sábios, de um humor timoniano<sup>(325)</sup> e democritiano, quando perguntado porque se ria sozinho, respondeu: «Por estar a rir-me sozinho.»

Os disparates não digo e respondo todos os dias, quando penso nisso; e, contudo, quão mais frequentes devem ser para os outros! Se mordo os lábios por isso, o que devem fazer os outros? Em suma, é preciso viver entre os vivos e deixar correr o rio sob a ponte sem o nosso cuidado, ou, pelo menos, sem nos inquietarmos profundamente. Mas, afinal de contas, porque não encontramos alguém com

<sup>(324)</sup> Cf. *Ensaíos*, Livro I, L, p. 419: «Demócrito e Heraclito foram dois filósofos, sendo que o primeiro, por julgar a condição humana sem valor e ridícula, apenas se mostrava em público com um semblante trocista e sorridente; Heraclito, por sentir piedade e compaixão por essa mesma condição que é a nossa, exibia um rosto sempre triste, e os olhos cheios de lágrimas.»

<sup>(325)</sup> Relativo a Tímon, famoso pela sua misantropia.

o corpo torto e mal feito sem nos perturbarmos e não conseguimos suportar o encontro de um espírito mal-arranjado sem nos encolerizarmos? Esta severidade inconveniente pertence mais ao juiz do que à falta. Devemos sempre ter na boca este dito de Platão: «O que acho mal, não é por estar eu mesmo mal? Não estou eu próprio em falta? A minha advertência não poderá ser virada contra mim?». Uma sábia e divina máxima, que fustiga o erro mais universal e comum dos homens. Não comente as censuras que fazemos uns aos outros, mas também as nossas razões e argumentos em matérias controversas são frequentemente reversíveis contra nós, e ferimo-nos com as nossas próprias armas. Disso a Antiguidade deixou-me bastantes exemplos graves. Foi engenhosamente bem dito, e muito a propósito, por aquele que pensou [esta máxima]:

*Stercus cuique suum bene olet*<sup>(326)</sup>.

[Todos adoram o cheiro do seu excremento.]

Os nossos olhos não vêem nada atrás de si. Centenas de vezes ao dia, troçamos de nós próprios na pessoa do nosso vizinho e detestamos nos outros os defeitos que em nós são mais manifestos; e espantamo-nos com eles com uma maravilhosa impudência e inadvertência.

Ainda ontem tive a ocasião de ver um homem de entendimento, e nobre, gracejar, tão agradável quanto justamente, do costume inepto de outro que entedia toda a gente com suas genealogias e alianças, mais de metade falsas (aqueles que mais facilmente se lançam a tais tolices são quem tem as qualidades mais duvidosas e menos seguras); e ele, se olhasse para si mesmo, veria que não era menos intemperante e enfadonho ao difundir e valorizar as prerrogativas da linhagem da sua esposa. Ó importuna presunção com a qual a mulher se vê armada pelas mãos do próprio marido! Se soubessem latim, devíamos dizer-lhes:

*Age! si haec non insanit satis sua sponte, instiga.*

---

<sup>(326)</sup> Erasmo, *Adágios*, III, 4, 2.